

1

AS CEGONHAS E O BANHO DAS ROLAS

Era uma vez a Herdade do Pinheiro, que é um sítio que existe mesmo e fica à beira da estrada que vai de Setúbal para Alcácer do Sal. Essa estrada é por onde passam os carros das pessoas que vão de férias para o Algarve, mas é possível que nunca ninguém, ao ver aquele cruzamento, tenha imaginado que vivia ali o sapinho que é o herói desta história. Portanto, ficam desde já a saber que existe um sítio, e que existe um sapo. Ao princípio, não entravam pessoas na história, e portanto, o sapo não tinha nome.

A Herdade do Pinheiro é que tem muitos nomes. Começa por uma estrada de terra muito estreita e cheia de buracos, pelo meio de campos de sobreiros que no Verão são muito amarelos e no Inverno são muito verdes,

onde costumam estar grandes manadas de vacas castanhas a pastar com toda a calma, porque tudo isto não tem nada a ver com elas. É o Vale da Talha. Depois, a estrada chega à ponte estreitinha que fica mesmo à saída de uma curva, onde as pessoas dizem sempre «ai que medo», que é para se atravessar a ribeira do Vale do Cão. Mas aquilo não é só vales: daí a bocado chega-se a um sítio onde há algumas casas à beira de uma lagoa cheia de patos, patos-mudos, patos-marrecos, gansos, patinhos e galinhas nas bordas, que se chama lagoa de Bempais.

Mas a lagoa que nos interessa ainda não é esta. É preciso continuar pela estrada de terra apertadinha e com buracos e atravessar uma parte em que há eucaliptos de um lado e grandes arrozais do outro, onde estão sempre cegonhas pousadas no Verão, com uma pata esticada e outra encolhida. Então, chega-se a uma curva onde há árvores ainda mais antigas e mais altas, cheias de buracos de onde costumam sair morcegos, quando se está a olhar com atenção. Lá muito ao fundo, vêem-se guindastes e outras coisas esquisitas: é uma coisa onde se consertam barcos, chamada estaleiro, e neste caso chamada Setenave. À noite, mesmo se estiver a chover ou se houver muitas nuvens, não se distinguem os guindastes — mas vê-se um grande clarão cor de laranja ao fundo do céu, como se neste sítio o Sol nunca mais acabas-

se de se pôr. Bem, isto não tem grande coisa a ver com os sapos. Por isso, chega-se aqui e vira-se à esquerda.

Este caminho ainda é pior que o outro, mas quem tiver coragem de o fazer até ao fim há-de chegar a uma outra lagoa, rodeada de caniçais, com um ninho de garça-vermelha muito bem escondido lá no meio, onde não é preciso ser-se muito esperto para ver que rãs, pelo menos, não faltam: toda a noite fazem uma sinfonia sem descanso, parecem o escuro a conversar. Esta é a lagoa dos Zangros. Aqui é que as rolas-bravas vêm beber em bandos, logo de madrugada; e quando já não têm sede põem-se a tomar banho com muito jeitinho, abanando a cabeça e sacudindo as penas. Aqui é que nasceu o sapinho desta história.

2

O CASAMENTO DOS SAPOS E A GARÇA- -VERMELHA DE PESCOÇO ENCOLHIDO

Há muitas espécies de sapos, mas estes, da família a que o sapinho pertence, são os maiores de todos. Pode-se mesmo dizer que são enormes, por isso é que fazem impressão a certas pessoas. Os cientistas que estudam estas coisas resolveram dar-lhes um nome bizarro: segundo esse nome, o sapinho é um *Bufo bufo*. Isto é latim, e todos os bichos têm um nome destes que é sempre o mesmo em qualquer parte do Mundo. Nós, as pessoas, por exemplo, somos os *Homo sapiens*. Claro que não é tão giro ser-se *Homo sapiens* como ser-se *Bufo bufo*, mas enfim. Temos que nos conformar.

Os sapos da espécie *Bufo bufo* começam por ser muito pequeninos, os mais pequeninos de todos, e nascem na água. Quando crescem procuram a terra firme, arranjam um esconderijo onde passam o dia, e só saem à

noite para as suas caçadas. Comem lesmas, lagartas, essas coisas assim. Por isso é que os jardineiros gostam muito de os ter nos jardins: são uma espécie de insecticidas que não tem qualquer perigo de envenenamento, não faz mal aos meninos, não abafa as plantas... e funciona mesmo! Isto é importante para a história, mas só se vai perceber porquê lá muito mais para a frente. É que isso diz respeito a coisas que só vão acontecer quando o sapinho for grande, e por enquanto ele ainda nem nasceu.

O pai e a mãe vieram até à água para o casamento. Tem que ser assim, porque, quando nascem os bebês-sapos, se não estiverem na água, morrem. Entre estes sapos acontece que há sempre muito mais mães que pais, e portanto cada pai se casa com várias mães. É assim: a mãe do sapinho era muito maior que o pai, e pôs mil ovos, todos numa fiada comprida, protegidos por gelatina. Os ovos ficaram a boiar à superfície da água, eram bolinhas escuras muito pequeninas cada uma com um bichinho novo a formar-se lá dentro; e o pai e a mãe voltaram para os seus abrigos em terra, debaixo de pedras ou de camadas de folhas secas. É difícil conseguir-se vê-los durante o dia, porque se escondem muito bem. Também, se não fosse isso, com aquele tamanho todo dava-se logo com eles. Chegam a ser grandes como um prato de sopa! São tão grandes que, embora to-